

Os dois fascismos¹

Antonio Gramsci

A crise do fascismo, cujas origens e causas estão sendo amplamente comentadas nesses dias, pode ser explicada facilmente através de um sério exame do próprio desenvolvimento do movimento fascista.

Os “fasci” de combate nasceram, logo depois da guerra, com o caráter pequeno-burguês das diferentes associações de veteranos que surgiram naquela época. Devido ao caráter de firme oposição ao movimento socialista – herança parcial dos embates entre o partido socialista e as associações intervencionistas durante a guerra – os “fasci” obtiveram o apoio dos capitalistas e das autoridades. Sua afirmação, que coincidiu com a necessidade dos ruralistas de formar um exército branco contra o crescente sucesso das organizações operárias, permitiu ao sistema de bandos armados e criados pelos latifundiários de assumir a mesma etiqueta dos “fasci”. Com o desenvolvimento posterior, eles atribuíram a esta etiqueta a mesma característica de exército branco do capitalismo contra os órgãos de classe do proletariado.

O fascismo manteve sempre esse vício de origem. O fervor da ofensiva armada impediu até hoje o agravamento do desacordo entre os núcleos urbanos, pequeno-burgueses, predominantemente parlamentares e colaboracionistas, e os núcleos rurais, formados pelos proprietários de terra grandes e médios e pelos próprios colonos, interessados na luta contra os camponeses pobres e suas organizações, firmemente antissindicais, reacionários, mais confiantes na ação armada direta do que na autoridade do Estado e na eficácia do parlamentarismo.

¹ Publicado originalmente em *L'Ordine Nuovo*, 25 de agosto de 1921. Não assinado. Extraído da coletânea organizada por Enzo Santarelli, *Gramsci sul fascismo*. Roma: Editori Riuniti, pp. 133-135. Tradução do italiano por Gualtiero Marini.

Nas áreas agrícolas (Emilia, Toscana, Veneto, Umbria), o fascismo teve um desenvolvimento maior, alcançando, graças ao apoio financeiro dos capitalistas e à proteção das autoridades civis e militares do Estado, um poder incondicional. Se por um lado a ofensiva impiedosa contra os órgãos de classe do proletariado serviu aos capitalistas – que no decorrer de um ano viram todo o aparelho de luta dos sindicatos socialistas desmoronar e perder eficácia –, do outro é inegável que a violência, degenerando, acabou criando uma vasta opinião de hostilidade ao fascismo nas camadas médias e populares.

Os episódios de Sarzana, Treviso, Viterbo, Roccastrada abalaram profundamente os núcleos fascistas urbanos, personificados em Mussolini, que começaram a considerar como perigosa a tática exclusivamente negativa dos “fasci” das áreas agrícolas. Por outro lado, esta tática já havia dado seus frutos arrastando o partido socialista para um terreno transigente e favorável à colaboração no país e no Parlamento.

O dissídio latente começa a partir de agora a aparecer em toda sua profundidade. Enquanto os núcleos urbanos, colaboracionistas, consideram alcançado o objetivo inicial – o abandono da intransigência classista por parte do partido socialista – e se apressam a oficializar a vitória com o pacto de pacificação, os capitalistas rurais não podem renunciar à única tática que lhes garante a “livre” exploração das classes camponesas, sem serem incomodados por greves e organizações. Toda a polêmica que abala a área fascista, entre favoráveis e contrários à pacificação, se reduz a esse conflito, cujas origens devem ser procuradas nas próprias origens do movimento fascista.

As pretensões dos socialistas italianos, isto é, de ter provocado a cisão no movimento fascista graças à sua eficaz política de compromisso, são apenas a prova da sua demagogia. Na verdade, a crise fascista não é de hoje, mas de sempre. Uma vez que acabaram as razões contingentes que mantinham compactas as fileiras antiproletárias, era óbvio que os dissídios se manifestassem com uma força maior. A crise, portanto, é apenas o esclarecimento de uma situação de fato preexistente.

O fascismo vai sair da crise através de uma cisão. A parte parlamentar, liderada por Mussolini – graças ao apoio da classe média, dos empregados, dos pequenos comerciantes e dos industriais – procurará sua organização política, voltada necessariamente para uma colaboração com os socialistas e os populares. A parte intransigente, que expressa a necessidade da defesa direta e armada dos interesses capitalistas rurais, prosseguirá sua peculiar ação antiproletária. Para essa parte, a mais relevante no que diz respeito à classe operária, não terá valor algum o “pacto de trégua” que os socialistas louvam como uma vitória. A “crise” marcará apenas a saída do movimento dos “fasci” de uma fração de pequeno-burgueses, que tentaram inutilmente justificar o fascismo com um programa político geral de “partido”.

Mas o fascismo, o verdadeiro fascismo – que os camponeses e os operários da Emilia, do Veneto e da Toscana conhecem através da sofrida experiência dos últimos dois anos de terror branco –, vai continuar, talvez inclusive mudando de nome.

A tarefa dos operários e dos camponeses revolucionários é aproveitar do período de pausa relativa, determinada pelos conflitos internos dos bandos fascistas, para instilar nas massas oprimidas e inermes uma clara consciência da real situação da luta de classes e dos meios aptos a derrotar a ousada reação capitalista.